



SÂMIA LIMA SILVA

**ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS E O
PORTUGUÊS DO CAPÍTULO 37 DO LIVRO BÍBLICO PROTESTANTE DE
GÊNESIS**

REDENÇÃO (CE)

2025

SÂMIA LIMA SILVA

**ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS E O
PORTUGUÊS DO CAPÍTULO 37 DO LIVRO BÍBLICO PROTESTANTE DE
GÊNESIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Licenciada em Letras - Língua Inglesa, sob a orientação do Prof. Dr. João Luiz Teixeira de Brito.

REDENÇÃO (CE)

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Silva, Samia Lima.

S578a

Análise comparativa das traduções para o inglês e o português do capítulo 37 do livro bíblico protestante de Gênesis / Samia Lima Silva. - Redenção, 2025.
30f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Inglesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2025.

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Teixeira de Brito.

1. Bíblia - Tradução - Comparação. 2. Bíblia. A.T. Gênesis. 3. Língua portuguesa - Tradução. 4. Língua inglesa - Tradução. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 410

**ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRADUÇÕES PARA O INGLÊS E O
PORTUGUÊS DO CAPÍTULO 37 DO LIVRO BÍBLICO PROTESTANTE DE
GÊNESIS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Licenciada em Letras - Língua Inglesa, sob a orientação do Prof. Dr. João Luiz Teixeira de Brito.

Data da aprovação: XX de XXXX de 2025

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. João Luiz Teixeira de Brito

1º Examinador(a): Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha

2º Examinador(a): Prof. Me. Henrique Gomes da Silva Júnior

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me concedido forças, saúde, entendimento, recursos e paciência durante esses quatro anos de graduação, toda honra e toda glória sejam dadas a Ele, somente pela graça e misericórdia do senhor eu poderia concluir mais esta etapa em minha vida.

Agradeço também a minha família que é minha base e fortaleza, em especial, minha mãe Noelia, minha tia Noeme e meu avô José Lima por lutarem junto comigo e sempre me apoiarem ao longo dessa caminhada. Obrigada Deus por ter me presenteado com uma família que nunca me desamparou mesmo nos momentos difíceis.

Aos meus professores por compartilharem seus conhecimentos com dedicação, o que permitiu meu crescimento profissional, em especial agradeço ao meu professor orientador Dr. João Luiz Teixeira de Brito por toda compreensão, disponibilidade e paciência.

Aos membros da minha igreja pelas orações prestadas a meu favor.

As minhas colegas de graduação Lyvia, Sâmima, Marline e Régila pelo apoio e parceria durante todo esse período.

RESUMO

Este trabalho se propõe a realizar a comparação entre as versões bíblicas, sendo elas, a versão do Rei James em inglês (BKJ) a Nova versão internacional (NVI) e a versão João Ferreira de Almeida, revista e corrigida (ARC) duas versões em português e uma em inglês, analisando os versículos do capítulo 37 de Gênesis, o primeiro livro da Bíblia que foi escrito originalmente em hebraico, focando principalmente nas diferenças de linguagem e de significado entre as versões, a pesquisa será realizado por meio de versões bíblicas da religião protestante. O livro Gênesis conta, entre outras, a história de um jovem chamado José, filho de um homem chamado Jacó, que tinha 12 filhos. José era o filho mais novo, sendo o mais querido do pai, o que causava inveja em seus 11 irmãos. O capítulo escolhido foi o 37 que é onde se desenrola a história do jovem, que, como consequência da inveja de seus irmãos, é vendido para mercadores de escravos midianitas, que vendem o jovem para um homem chamado Potifar, oficial de Faraó e capitão da guarda na terra do Egito. A escolha do capítulo, que é composto de 36 versículos, se deu pela popularidade da história que é bastante conhecida entre os protestantes, além disso, é possível fazer uma comparação entre as versões de uma maneira mais precisa por meio deste livro. Observou-se que há grande similaridade entre as três versões, tanto em termos de uso lexical quanto de estrutura da linguagem - 14 dos 36 versículos são congruentes. Quanto ao lexical, a escolha por alguns termos e sua consequente variação semântica chamou a atenção em alguns casos como “poço/cova/pit” e o uso do verbo “pray” em BKJ. Observou-se, por fim, que a NVI propõe, em linhas gerais, uma tradução mais direta, clara e acessível a um público-alvo contemporâneo, tanto em termos da estrutura empregada, quanto dos próprios traços gráficos editoriais, por exemplo, ao empregar consistentemente o uso de aspas para destacar e separar as falas diretas de personagens.

Palavras-chave: Teoria da tradução, Bíblia Protestante, comparação.

ABSTRACT

This work aims to compare the biblical versions, namely the King James Version in English (BKJ), the New International Version (NIV) and the João Ferreira de Almeida version, revised and corrected (ARC), two versions in Portuguese and one in English, analyzing the verses of chapter 37 of Genesis, the first book of the Bible that was originally written in Hebrew, focusing mainly on the differences in language and meaning between the versions, the research will be carried out through biblical versions of the Protestant religion. The book of Genesis contains, among others, the story of a young man named Joseph, son of a man named Jacob, who had 12 sons. Joseph was the youngest son, being the most beloved of his father, which caused envy in his 11 brothers. The chapter chosen was 37, which tells the story of a young man who, as a result of his brothers' envy, is sold to Midianite slave traders, who sell the young man to a man named Potiphar, an officer of Pharaoh and captain of the guard in the land of Egypt. The choice of this chapter, which is composed of 36 verses, was due to the popularity of the story, which is well-known among Protestants. Furthermore, it is possible to make a comparison between the versions in a more precise way through this book. It should be noted that there is great similarity between the three versions, both in terms of lexical use and language structure - 14 of the 36 verses are congruent. As for the lexical, the choice of some terms and their consequent semantic variation drew attention in some cases, such as “well/pit” and the use of the verb “pray” in BKJ. Finally, it should be noted that the NIV proposes, in general terms, a more direct, clear and accessible translation for a contemporary target audience, both in terms of the structure used and the editorial graphic features themselves, for example, by consistently using quotation marks to highlight and separate direct speech by characters.

Keywords: Translation theory, Protestant Bible, comparison

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Versículo 1	16
Tabela 2 – Versículo 6	17
Tabela 3 – Versículo 11	17
Tabela 4 – Versículo 12	18
Tabela 5 – Versículo 14	19
Tabela 6 – Versículo 15	20
Tabela 7 – Versículo 17	20
Tabela 8 – Versículo 19	21
Tabela 9– Versículo 20	21
Tabela 10– Versículo 22	22
Tabela 11 – Versículo 25	24
Tabela 12 – Versículo 26	24
Tabela 13 – Versículo 27	24
Tabela 14– Versículo 28	25
Tabela 15– Versículo 30	25
Tabela 16 – Versículo 33	26
Tabela 17 – Versículo 34	26
Tabela 18 – Versículo 35	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. PREMISSAS TEÓRICAS: EXEGESE E A TEORIA DA TRADUÇÃO	13
3. COMPARAÇÃO ENTRE AS VERSÕES	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre um tema para o trabalho de conclusão de curso estabeleci como título “Análise Comparativa das Traduções para o Inglês e o Português do Livro Bíblico Protestante Capítulo 37 de Gênesis”. O presente trabalho originou-se a partir de minhas vivências, aliado às disciplinas de “Introdução aos estudos de tradução” e “Práticas de tradução” propostas como disciplinas obrigatórias do curso de Letras Língua Inglesa na Unilab/Ceará e cursadas por mim a partir do ano de 2022, disciplinas nas quais me identifiquei com a análise de tradução. Aderi a escolha de trabalhar a comparação de textos bíblicos em versões do inglês e do português. Fui criada em um lar cristão e, por isso, as histórias bíblicas constantemente se fazem presentes em meu cotidiano, sendo a junção da Bíblia e do universo da tradução a combinação ideal de se estudar em um trabalho de conclusão de curso.

O propósito deste trabalho é investigar as diferenças entre algumas traduções da Bíblia em inglês e português e examinar como essas diferenças impactam a interpretação das mensagens da Bíblia sagrada cristã. O presente trabalho situa-se nos estudos tradutórios, em que se faz uma pesquisa comparativa de 3 versões da Bíblia, sendo elas, a versão do Rei James em inglês (BKJ) a Nova versão internacional (NVI) e a versão João Ferreira de Almeida, revista e corrigida (ARC) ambas em português.

A primeira tradução da Bíblia foi feita a partir das línguas hebraico, aramaico e grego. No Brasil a tradução de Almeida é a mais utilizada pelos protestantes sendo a preferida de mais de 60% dos leitores evangélicos. Trata-se de uma linguagem considerada clássica e erudita. Encontram-se nas versões *Almeida revista e corrigida*, *Almeida revista e atualizada*, *Almeida corrigida fiel* e *Almeida revisada: excelentes textos em hebraico e grego* (conhecida somente como revisada), sendo a maioria publicada pela sociedade bíblica do Brasil.

A versão do “King James” em inglês é conhecida também como a versão autorizada pelo rei, é uma das traduções mais famosas da Bíblia para o inglês. A Bíblia do Rei James foi uma tradução inglesa da Bíblia realizada em favor da igreja Anglicana, sob ordens do rei Jaime I no início do século XVII. É o livro mais publicado na língua inglesa, da mesma forma, sendo considerado um dos livros mais importantes para o desenvolvimento da cultura e língua inglesa, se tornando disseminada pela influência do império britânico ao longo dos séculos passados. A *The King James Bible Version* (1611) é descrita, por muitos críticos, como uma das publicações mais importantes da história, e também a mais fiel aos “Textus Receptus (TR)” (do latim: “texto recebido”, refere-se à

sucessão de textos impressos do Novo Testamento grego). O TR é uma versão mais antiga do novo testamento, foi compilado e sistematizado no século XVI. O TR foi a base para muitas traduções da Bíblia, entre elas a Bíblia King James. O rei James I do Reino Unido, reuniu 54 eruditos bíblicos e linguistas para sua nova tradução da Bíblia, a fim de estabelecer a linguagem mais precisa e mais digna, e assim perdurar em seu legado (Rodrigues, 2017).

Segundo o costume, as bíblias lidas na Europa nesta época eram escritas em latim. Na Constituição de Oxford em 1408, a tradução ao inglês foi proibida. Porém, William Tyndale, no início do século XVI, traduziu o novo testamento para o inglês. Ele publicou em 1525, estes exemplares foram destruídos pelas autoridades da época, sobrando apenas três cópias, e por fim Tyndale foi executado. Com a separação da igreja anglicana e da igreja romana, as coisas começam a tomar novos rumos, surgindo novas traduções ao inglês. No início do século XVII, Jaime organizou o seu grupo de mais de 50 estudiosos. Muito do que foi feito se baseou na tradução de Tyndale.

A *Bíblia King James* teve sua primeira publicação em 1611, foi realizado em um formato grande, sem ilustrações, pensado como ideal para ser lido nas igrejas. A versão adquiriu fama rapidamente e viria a se tornar, como dissemos, a obra mais publicada na língua inglesa. É a partir deste texto que a versão ARC que trabalharemos aqui foi traduzida para o português por João Ferreira de Almeida, com uma linguagem mais erudita do português corrente, como já dissemos.

A última versão a ser analisada neste nosso trabalho é a *Nova Versão Internacional* (NVI), a mais recente tradução das escrituras sagradas em língua portuguesa a partir das línguas originais. Ela foi publicada em 2000, e é conhecida por sua linguagem contemporânea e clara, o que a torna acessível a uma ampla gama de leitores. Quanto ao texto original, a NVI baseou-se no resultado de um dos trabalhos eruditos mais respeitados em todo o mundo na área da crítica textual. Organizando os manuscritos hebraicos e aramaicos do Antigo Testamento (AT) e os manuscritos gregos do Novo Testamento (NT), o processo de tradução consistiu inicialmente no trabalho individual dos tradutores, que se organizaram a partir da formação da Comissão da Tradução da Bíblia (Committee on Bible Translation - CBT, em inglês) em 1965, sendo submetidos à visão da Comissão e as suas diretrizes às questões gerais encontradas, mais difíceis e geologicamente relevantes. Essas decisões foram discutidas e avaliadas em conjunto, para que fossem consideradas de todos os ângulos e não refletissem nenhuma perspectiva particular. Seu trabalho resultou na New International Version (NIV), publicada inicialmente em 1973.

A NVI segue o mesmo ponto de partida da NIV. A filosofia de tradução é muito semelhante. Todavia, não se deve imaginar que a versão inglesa foi a única fonte de referência da NVI. É verdade que muito da contribuição exegética desta versão irmã foi incorporada à NVI. No entanto, a Comissão de tradução da NVI preferiu em muitos casos opções exegéticas distintas. Segundo seus organizadores, jamais houve dependência obrigatória da NVI em relação à NIV (ou em relação a qualquer outra versão estrangeira) em qualquer âmbito: teológico, exegético ou hermenêutico. A NVI foi produzida por uma equipe de estudiosos e linguistas, formou-se uma comissão composta de tradutores brasileiros e estrangeiros (incluindo teólogos de vários países: EUA, Inglaterra, Holanda), três dos quais residiam fora do Brasil (EUA, Israel e Portugal). Convém também ressaltar que dezenas de outras pessoas participaram no auxílio direto ou indireto ao projeto, nas mais diversas tarefas com o objetivo de equilibrar a autenticidade do texto original com uma linguagem compreensível para os dias de hoje.

Como se sabe, a Bíblia cristã, originalmente, foi escrita em três idiomas: grego, hebraico e aramaico, sendo formada por 66 livros (no caso da Bíblia protestante). O antigo testamento que é composto por 39 livros (Bíblia protestante) a maior parte foi escrita em hebraico e alguns trechos em aramaico. Já o novo testamento, que tem 27 livros, foi escrito totalmente em grego, por ser a língua mais utilizada na época. A Bíblia católica é estruturada de modo um pouco diferente, possui 73 (setenta e três) livros, sendo 46 (quarenta e seis) destes pertencentes ao Antigo Testamento e 27 (vinte e sete) pertencentes ao Novo Testamento. Ou seja, quando se fala nas línguas originais estamos falando dos três idiomas: grego, hebraico e aramaico, pois eram as línguas daqueles contextos.

Ao longo do presente trabalho, realizamos um estudo comparativo entre essas três versões, destacando pontos de interesse, congruências e dissonâncias entre as três versões, de modo a demonstrar a variação de significados e entendimentos que podem ser verificadas a partir desta comparação. Primeiramente, contudo, falaremos um pouco sobre a teoria da tradução, de modo a estabelecer alguns conceitos importantes ao entendimento de nossa pesquisa.

2 PREMISSAS TEÓRICAS: EXEGESE E A TEORIA DA TRADUÇÃO

Ao analisar a história da tradução é possível perceber que ela foi construída, dentre outros elementos, pela tradução de textos religiosos; incluindo a tradução da Bíblia. Foi por meio da tradução do texto bíblico que se originaram os métodos iniciais, modelos de crítica e pesquisas em tradução. Nesse sentido, aqui vale a ideia então mencionada no texto, *A Introduction à la traductologie: penser la traduction* de Mathieu Guidère (2010), em que se diz que uma das contribuições da tradução bíblica e de outros textos religiosos foi inspirar discussões sobre a traduzibilidade e intraduzibilidade de um texto.

Para alguns, realizar a tradução era uma prestação de serviço aos homens, pois lhe daria a oportunidade de ter acesso à revelação divina. Para outros, à época desses feitos, aquilo era uma verdadeira blasfêmia, pois estaria maculando o texto, comprometendo sua originalidade e autenticidade já que, segundo estes, é impossível transpor a linguagem divina a humana. Para outros, ainda, era uma forma de controle, como vimos no caso das proibições da tradução do texto bíblico até o século XVI. Todavia, é a partir de controvérsias como esta que se começa a delinear uma teoria da tradução, a qual se desenvolveu e se pluralizou, existindo hoje múltiplas perspectivas teórico-metodológicas.

Na tradução do texto bíblico, podemos citar também a exegese bíblica que é um conjunto de procedimentos destinados a estabelecer o sentido de um texto sob vários ângulos (textual, literário, dos motivos/temas, do processo de composição e outros) a fim de extrair dele suas mensagens. A importância da exegese bíblica, para não dizer de sua necessidade, reside no fato de que ela possibilita uma compreensão mais precisa do sentido de um texto bíblico, e, por conseguinte, fornece bases para uma construção teológica e histórica melhor fundamentada. (Almeida, 2015).

O uso de uma metodologia na exegese do texto bíblico não é fortuito, mas cumpre duas funções específicas: viabilizar a obtenção do conhecimento científico da Bíblia e possibilitar a sistematização lógica desse saber. O método em exegese, por conseguinte, requer o emprego de uma ordenação dos diferentes processos que serão empregados para alcançar determinados resultados. Entende-se por processo a forma como determinada técnica é aplicada, isto é, o modo específico de executar o método (Egger, 1994, p. 48). No caso do estudo bíblico, a exegese é o estudo da interpretação gramatical e sistemática das Escrituras Sagradas, para que uma pessoa possa estar apta a fazer uma exegese bíblica ortodoxa, esta deve ser especialista nos idiomas originais bíblicos, como o grego e o hebraico para produzir uma exegese. Assim, tipicamente, se faz necessário fazer a própria interpretação do texto em sua língua original e comparar a sua interpretação com a de outros exegetas (comentários e artigos acadêmicos), estabelecendo um diálogo com tais

interpretações. No presente estudo, obviamente, nossos recursos são limitados e nossos objetos não se tratam das línguas originais, mas de traduções em línguas modernas que circulam contemporaneamente. Ainda assim, o estudo almeja objetivos similares.

De volta à teoria da tradução, o processo envolve o estudo das diferentes abordagens e métodos para traduzir textos de um idioma para outro. Existem diversas teorias e abordagens, como é o caso da dita “equivalência formal”, sendo um dos princípios fundamentais que orienta o processo de tradução, essa abordagem busca reproduzir o texto fonte o mais próximo possível, mantendo a estrutura e a forma linguística do texto original, em outras palavras, o foco principal está em preservar a gramática, a sintaxe e até mesmo o estilo do texto original na língua de chegada. No entanto, é importante lembrar que a equivalência formal é apenas uma das abordagens possíveis na teoria da tradução, e que diferentes contextos e tipos de textos podem requerer outras formas de equivalência, como a equivalência dinâmica que se concentra na transmissão do significado e da intenção do texto fonte, em vez de se ater estritamente à forma linguística. (Pym, 2013)

Além dessas duas abordagens existem outras (que também adquirem novos epítetos, formulações e reformulações, a depender dos teóricos em que nos baseemos), como é o caso da teoria dos skopos, que é a abordagem que se concentra no propósito ou na finalidade da tradução, em vez de simplesmente na fidelidade ao texto original. Skopos é uma palavra grega que significa “objetivo” ou “intenção”, e segundo essa teoria, o principal objetivo da tradução é atender às necessidades comunicativas e aos propósitos específicos do texto na cultura de chegada. Essa abordagem enfatiza a importância de considerar o público-alvo, o contexto cultural e situacional, bem como os objetivos comunicativos do texto ao realizar uma tradução. A teoria de skopos destaca a ideia de que uma boa tradução não é simplesmente uma reprodução do original, mas sim uma recriação que atende às exigências específicas do novo ambiente comunicativo. Em nossa perspectiva, essa teoria se aplica muito bem à tradução bíblica, pois diz respeito a um público-alvo sendo adaptada para ambientes específicos e pessoas específicas já que a Bíblia tem diversas versões para leitores diferentes, por exemplo, a Bíblia do adolescente, Bíblia infantil, Bíblia da mulher, Bíblia do obreiro. Destaca-se, novamente, que mesmo as versões que aqui consideraremos são encontradas em diversas variações: Bíblia Almeida século XXI, Almeida revista e atualizada, Bíblia livre para todos, nova Almeida atualizada, nova Bíblia viva: nova tradução na linguagem de hoje, entre outras. Esse entendimento da tradução com um objetivo, contexto e público-alvo definido parece se tornar especialmente relevante quando consideramos a versão NVI, que se foca em obter

uma linguagem mais acessível e clara para o público-alvo contemporâneo, dentro das populações protestantes brasileira.

Uma outra perspectiva sobre a teoria da tradução é implementada por Andrew Chesterman em seu livro *Memes da Tradução*, no qual ele explica que “Traduções são máquinas de sobrevivência para os memes.” (Chesterman, 2022, p.21), memes esses que são descritos como:

Uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. ‘Mimeme’ provém de uma raiz grega adequada, mas eu procuro uma palavra mais curta soe mais ao menos como ‘gene’. [...] podemos pensar, alternativamente, que a palavra ‘meme’ guarda relação com ‘memória’, ou com a palavra francesa mème [similar, idêntico]. (Dawkins *apud* Chesterman, 2022, p.21)

Tendo em vista esse pensamento, Chesterman (2022, p.24) desenvolve o conceito de memes da tradução, e esses são classificados em cinco supermemes da tradução, pois “alguns memes contém conceitos e ideias referentes à tradução em si e sua teoria.”. Ramificações desses memes são encontradas em muitos conceitos, teorias e aplicações contemporâneas, tais como denotação e conotação; semântica lexical, especialmente a análise de componentes; a lexicografia e os estudos de terminologia.

Além dessa relação os memes de Chesterman desencadeiam o debate sobre a traduzibilidade: é possível que palavras de diferentes línguas realmente tenham o “mesmo significado”? A certo ponto do debate, no início da teoria da tradução, como significados eram concebidos como absolutos, objetivamente existindo “por aí”, era fácil responder “sim”, mas essa certeza foi se desgastando gradualmente.

Saindo de um enfoque em palavras individuais, logicamente teria que surgir outra possibilidade de significado nas estruturas em que essas palavras eram organizadas, afinal palavras soltas não estruturadas não fazem uma língua. Esse enfoque na estrutura formal era bastante associado aos pensamentos acerca da tradução de textos religiosos. A maioria dos/as tradutores/as e teóricos/as deste estágio no Ocidente era envolvida em tais traduções começando pela Bíblia. A natureza específica desse tipo de texto em particular foi o que levantou a próxima questão teórica crucial no debate da traduzibilidade

Se há crença de que as escrituras são, de fato, a palavra de Deus e que tal palavra deve ser disseminada em missões, logo surge um enorme dilema. A palavra é sagrada, como então como pode ser mudada? Pois a tradução não só substitui uma palavra-significado por outra, mas também reconstrói a estrutura formal na qual está inserida. Para textos sagrados, o sentimento era de que até mesmo a sua forma era santa. Manipular a forma original das escrituras era arriscar-se à blasfêmia, heresia. Um/a tradutor/a poderia até mesmo arriscar sua vida, como reforça Chesterman ao relatar a história de

que, no século XVI, o tradutor francês Etienne Dolet foi literalmente queimado numa fogueira por ter traduzido Platão, de modo a sugerir algo herético sobre a existência póstuma da alma. (Chesterman, 2022, p. 44).

Existiam duas saídas para esse dilema, duas teorias tentativas ou ideias que tinham que trabalhar em conjunto. Uma delas era a de ampliar a noção de significado de um texto, de tal modo que o significado não seria transportado apenas por palavras individuais, mas pelo texto como um todo; logo, por analogia com a invariância das palavras-significados, esse significado ampliado poderia também ser reivindicado como constante, apesar da mudança de forma causada pelo processo de tradução. A palavra de Deus permaneceria sendo a palavra de Deus, independentemente da língua na qual estivesse expressa. Incidentalmente, Deus também poderia inspirar os tradutores/as da sua palavra, assim como inspirou quem escreveu os originais. Essa nova concepção permitiu que se passasse a traduzir com a consciência plena. Assim como as palavras significados, a equivalência era pressuposta. As pessoas aceitavam que a verdade das escrituras sagradas fosse absoluta e, portanto, seria preservada através das línguas. (Chesterman, 2022, p. 45)

3 COMPARAÇÃO ENTRE AS VERSÕES

Veremos que, ao longo de nossas análises, como se dá a comparação das três versões selecionadas para este estudo. Embora tenhamos realizado a análise de todo o capítulo, escolhemos destacar em nosso texto final a análise de 18 dos 36 versículos

presentes na obra, metade do total, de modo a não alongar demais o texto e dar mais destaque aos elementos que nos parecem mais relevantes. A seguir, poderão ser vistos as tabelas que organizam as três versões comparativamente, partindo do início do capítulo até sua finalização.

Preliminarmente, destacamos o fato de que a versão NVI apresenta, em alguns casos, exemplos de alterações mais significativas. A impressão retida é de que, para esta versão, o texto original foi lido, analisado, interpretado e por fim adaptado a uma linguagem contemporânea com palavras mais simples de compreender, de modo a que servisse tanto para estudiosos da Bíblia quanto para (e, mais prioritariamente) um público mais leigo. Um dos casos que ajudam a confirmar essa análise se encontra logo no primeiro versículo do capítulo 37 do livro de Gênesis:

Tabela 1 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 1

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
1 E Jacó habitou na terra das peregrinações de seu pai, na terra de Canaã.	1 And Jacob dwelt in the land wherein his father was a stranger, in the land of Canaan.	1 Jacó habitou na terra de Canaã, onde seu pai tinha vivido como estrangeiro.

A NVI é a que mais difere das outras traduções aqui apresentadas, seu texto sendo claro e direto, sem a inclusão da partícula “E” no início do versículo, uma marca do estilo da escritura bíblica e também marca de oralidade, mas que contemporaneamente perdeu o seu uso no contexto linguístico em que se dá acima, sobretudo, na forma escrita da linguagem contemporânea, para início de um capítulo. O texto NVI é também o único que menciona a locução “tinha vivido como estrangeiro” para estabelecer a temporalidade e a relação do pai com as terras, enquanto que nas outras versões se varia essa locução, sendo utilizado a expressão “peregrinações”, sem estabelecimento da temporalidade, na versão de ARC e na versão do Rei James se faz uso da expressão “was a stranger” que busca o mesmo sentido de “tinha vivido como estrangeiro”. No entanto, nas versões de Almeida e Rei James se trata de uma linguagem mais erudita, que, se não é necessariamente de difícil compreensão, pode causar certo estranhamento. Ainda assim, pode-se concluir que para alguns leitores os versículos bíblicos de ARC e BKJ podem não ter clareza.

Ademais, as expressões “peregrinações” e “stranger” transmitem a ideia de que o personagem passara pela terra de Canaã, enquanto que a versão NVI deixa explícito que

o personagem viveu naquela cidade. Em ARC se pode entender que o personagem teve aquela terra como posse, enquanto que na tradução NVI e BKJ entende-se que o personagem apenas viveu ou passou por aquela terra, porém ela não era sua como propriedade. Também há diferença quanto ao texto da versão ARC comparado a tradução BKJ que não deixa explícito a expressão “wherein” que é traduzido como “em que” além de ser uma marca de erudição e arcaísmo. Porém, na versão NVI se utiliza a palavra “onde”, sem grande alteração de significado.

Tabela 2 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 6

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
6 E disse-lhes: Ouvi, peço-vos, este sonho, que tenho sonhado:	6 And he said unto them, Hear, I pray you, this dream which I have dreamed	6 “Ouçam o sonho que tive”, disse-lhes.

Neste momento no versículo seis nas traduções ARC e BKJ encontra-se a semelhança de algumas palavras como é o caso da palavra peço-vos na versão de Almeida e em inglês BKJ “I pray you” neste verso em questão encontramos a palavra “pray” usada no sentido de pedir algo enquanto que em outras passagens bíblicas que é o caso do livro de Mateus, Capítulo 5, a vemos sendo usada com o significado de orar. Essa é uma variação presente no inglês da época de BKJ. Já na versão NVI, o texto é bem mais direto, e o personagem José parece ordenar que os irmãos o escutem com atenção sendo ocultado aqui o verbo pedir. Assim, a relação interpessoal entre os personagens é significativa, bem como a postura quase ativa de José.

Tabela 3 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 11

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
11 Seus irmãos, pois, o invejavam; seu pai porém guardava este negócio no seu coração.	11 And his brethren envied him; but his father observed the saying.	11 Assim seus irmãos tiveram ciúmes dele; o pai, no entanto, refletia naquilo.

Nessa ocasião, a Almeida e King James se assemelham ao usar a expressão “invejavam/envied”. No entanto, na nova versão internacional encontra-se outro termo, sendo aqui encontrado como “ciúmes”, fazendo-se refletir sobre outro sentido ao texto.

Note-se que inveja é uma expressão mais negativa, sendo que ciúmes é um sentimento negativo provocado por receio ou suspeita de que a pessoa amada dedique seu interesse e/ou afeto a outrem. Inveja é denominado como sentimento de ódio, desgosto

ou pesar que é provocado pelo bem-estar ou pela prosperidade ou felicidade de outra pessoa. Em alguns versículos à frente, verifica-se que os irmãos de José cogitam matá-lo, portanto, usar a expressão “ciúmes” faz entender que os irmãos do personagem apenas não gostaram do sonho do irmão, enquanto que na versão de Almeida percebe-se claramente o sentimento de ódio estabelecido em tal momento.

Também há diferença no final das três traduções pois o texto de Almeida traz a expressão “guardava este negócio no seu coração” na versão King James diz “observed the saying” e na nova versão “refletia naquilo” as traduções de Almeida e a NVI percebe-se que são guardadas aquelas palavras enquanto que na versão King James entende-se que o pai de José apenas observou naquele momento sem guardar para si ou refletir sobre. Todavia, nos três casos, o significado da expressão mantém certa opacidade, algo que também pode ser próprio da palavra divina, que resta no mundo aberta à interpretação. Outro momento de alteridade que se pode analisar é o que ocorre no versículo doze:

Tabela 4 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 12

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
12 E seus irmãos foram apascentar o rebanho de seu pai, junto de Siquém.	12 And his brethren went to feed their father's flock in Shechem	12 Os irmãos de José tinham ido cuidar dos rebanhos do pai, perto de Siquém

Nessa ocasião, a ARC, no final do versículo, faz entender que estavam apascentando o rebanho “junto de Siquém”, podendo ser “com Siquém” ou “em Siquém”. Não deixa claro se era uma pessoa ou o nome de uma cidade, os leitores praticantes da Bíblia sabem que Siquém também era o nome de um personagem bíblico inserido no mesmo contexto. Sendo assim, se torna confuso o entendimento dos leitores, é necessário analisar todo o contexto do texto bíblico.

Na versão do rei James em Inglês deixa mais explícito exatamente onde os personagens estavam na parte “in Shechem” ou seja “em Siquém”, a alteração também no nome do lugar que na versão em inglês utilizaram a palavra “Shechem”. A NVI ainda sugere uma certa dúvida quanto a isso, não deixa exatamente claro que era na cidade, mas perto da região em questão. No que diz respeito ao início do versículo, as traduções ARC e BKJ são bastante similares, já a versão NVI é um pouco diferente, no entanto é explícito que os personagens foram cuidar do rebanho, sendo essa a versão mais clara entre as outras em questão.

Tabela 5 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 14

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
14 E ele lhe disse: Vai e vê como estão teus irmãos e como está o rebanho e traze-me resposta. Assim o enviou do vale de Hebrôm e foi a Siquém.	14 And he Said to him, Go, I pray thee, see whether it be well with thy brethren, and well with the flocks: and bring me word again. So he sent him out of the vale of Hebron, and he came to Shechem.	14 Disse-lhe o pai: “Vá ver se está tudo bem com os seus irmãos e com os rebanhos, e traga-me notícias”. Jacó o enviou quando estava no vale de Hebrôm. Mas José se perdeu quando se aproximava de Siquém;

Nesse caso, no verso quatorze a BKJ se difere das outras duas versões no início da passagem. Note-se aqui, novamente, o uso da expressão “pray”, que é ocultada nas outras traduções apresentadas, na versão de Almeida usa-se “Vai e vê” na NVI “Vá ver”, sendo que na BKJ a expressão “pray” é mais uma vez utilizada, como é estilo bíblico e próprio da linguagem elisabetana, com a conotação de “peço-te”, é usado no sentido de pedir algo, termo que não se encontra nas versões em português, mas que também ficou bem estabelecido em outras versões da bíblia com o verbo “rogar”, que se aproxima tanto de “orar” quanto “pedir”, ocupando um campo semântico mais parecido com “pray”.

No entanto, no final deste verso a NVI difere das demais sendo-lhe acrescentada outra expressão, um traço diferente à estória da personagem de José, enquanto que na tradução de Almeida e na tradução do Rei James a estória da missão dada a José é dada de outra forma: “Assim o enviou do vale de Hebrôm e foi a Siquém” (ARC), que é muito próximo da estrutura encontrada em “So he sent him out of the vale of Hebron, and he came to Shechem” (BKJ). Na NVI, contudo, é introduzido o fato de que José se perde: “Mas José se perdeu quando se aproximava de Siquém” esta informação não é encontrada nas outras traduções. Sendo assim, o texto se torna mais explícito aos leitores deixando a interpretação clara de que o personagem se perdeu durante o trajeto e por isso no versículo a frente vai explicar que ele teve que pedir ajuda para seguir viagem.

Um traço que também sugere a maior acessibilidade do texto NVI é a utilização de aspas para destacar e separar a fala direta do personagem em relação à emissão da “voz narrativa” bíblica, algo que pode também ser verificado no versículo seguinte.

Tabela 6 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 15

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
15 E achou-o um homem, porque eis que andava errante pelo campo e perguntou-lhe o homem,	15 And a certain man found him, and, behold [he was] wandering in the field: and the man asked him,	15 Um homem o encontrou vagueando pelos os campos e lhe perguntou: “Que é que você está

dizendo: Que procuras?	saying, What seeked thou?	procurando?
------------------------	---------------------------	-------------

Este é outro versículo que merece destaque, o versículo 15. Nessa ocasião, a versão ARC difere das outras, expressando a ideia de que havia um homem observando o jovem. Quando diz “E achou-o um homem”, pode ser depreendido até que o homem em questão já o estava procurando, e não o encontrou por acaso. Na tradução BKJ e NVI, torna-se mais notável que um homem o encontrou por acaso “a certain man found him”, enquanto a NVI também expressa o mesmo sentido de que “um homem o encontrou”.

Em seguida, no mesmo versículo as três versões expressam o mesmo significado aos leitores, deixando explícito que quando o homem encontrou o jovem, ele estava perdido no campo, a ARC “eis que andava errante” apesar de alguns leitores não compreenderem o uso da palavra “errante” a continuação do versículo deixa claro que o jovem estava perdido, na BKJ “behold [he was] wandering in the field” e na NVI “o encontrou vagueando pelos os campos”. Assim, se retornarmos ao que foi dito no versículo anterior, a NVI adianta o fato de que José se perdeu, enquanto as demais omitem esse fato, mas deixam sugerido pelo versículo 16 e o uso da expressão “errante/wandering”.

Tabela 7 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 17

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
17 E disse aquele homem: foram-se daqui; porque ouvi-os dizer: Vamos a Dotã. José, pois, seguiu atrás de seus irmãos e achou-os em Dotã.	17 And the man said, They are departed hence; for I heard them say. Let us go to Dothan. And Joseph went after his brethren, and found them in Dothan.	17 Respondeu o homem: “Eles já partiram daqui. Eu os ouvi dizer: “Vamos para Dotã”. Assim José foi em busca dos seus irmãos e os encontrou perto de Dotã.

Nesse momento a versão ARC e a BKJ são similares em sentido, porém a NVI, mais uma vez, traz uma versão mais explícita aos leitores. Nas duas similares podemos entender o texto no sentido de que José foi atrás dos irmãos, ou seja, ele já tinha ciência do paradeiro dos irmãos quando os seguiu, no entanto, na NVI temos o uso da expressão “os encontrou” e anteriormente o texto deixa claro que José foi em busca dos seus irmãos percebe-se aqui uma mudança de significado ao texto que para leitores iniciantes no protestantismo pode gerar uma interpretação um pouco dessemelhante as demais.

Tabela 8 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 19

(ARC) Almeida Revista e	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
-------------------------	-----------------------------------	---------------------------------

Corrigida		
19 E disseram um ao outro: Eis lá vem o sonhador-mor!	19 And they said one to another, Behold, this dreamer cometh.	19 “Lá vem aquele sonhador!”, diziam uns aos outros.

Nesse versículo, a tradução de Almeida se torna um pouco diferente das outras duas, aqui a versão ARC traz um termo mais comumente conhecido em uma época passada, talvez um marcador de arcaísmo, que é a expressão “mor” quando determinada palavra é seguida por essa expressão, a mesma atribui ao termo um sentido de grandiosidade de ser superior. Conhecendo a história sabe-se que os irmãos de José estavam zombando do irmão mais novo que estava se aproximando. Nesse verso em especial a BKJ se assemelha a NVI ocultando-se o termo em questão. Além disso, são similares nessas duas traduções, as palavras e as estruturas.

Tabela 9 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 20

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
20 Vinde, pois, agora, e matemo-lo, lancemo-lo numa destas covas e diremos: Uma fera o comeu e veremos que será dos seus sonhos.	20 Come now therefore, and let us slay him, and cast him into some pit, and we will say, some evil beast hath devoured him: and we shall see what will become of his dreams.	20 “É agora! Vamos matá-lo e jogá-lo num destes poços, e diremos que um animal selvagem o devorou. Veremos então o que será dos seus sonhos”.

Neste momento as três traduções são parecidas no início do versículo, no entanto ao decorrer de todo o verso as três versões são diferentes. Na versão ARC temos o uso do termo “uma fera” no momento em que os irmãos de José conversam entre si sobre o que dizer ao pai sobre a morte do irmão, na versão BKJ usa-se a expressão “evil beast” (conotação maligna) enquanto que na versão NVI usa-se a palavra “animal selvagem” trazendo mais uma vez ao leitor uma linguagem mais clara. Era comum naquela época que as pessoas ao decorrer de uma viagem fossem atacadas por ou até mesmo mortas por um animal selvagem por isso a ideia de usar uma fera como desculpa para a morte do irmão era plausível

Outro momento no texto que existe uma diferença de expressões é no momento em que os irmãos têm a ideia do que fazer com o corpo de José depois de matá-lo, que nesse caso há a diferença de traduções. Na versão de Almeida encontramos o seguinte termo “numa destas covas”, com isso compreende-se que eles já estavam vendo as covas em questão ou que eles próprias as haviam cavado. Na BKJ usa-se a expressão “into some

pit”, ou seja, entende-se que eles ainda não tinham a visualização da cova ou buraco em que iriam jogar o irmão, que ainda iriam em busca do local. Na versão NVI diz “num desses poços”, nessa tradução já se entende que eles já tinham a visualização dos poços, no entanto, o uso da palavra “poços” aqui, entende-se que era um buraco raso e que possivelmente tinha um pouco de água em seu interior em outras traduções podemos encontra também o uso da palavra cisterna se entende que naquele período era comum o uso de poços, ou cisternas para se conseguir água. Ao que tudo indica no período em que os irmãos de José o venderam não era um período chuvosa pois, no verso vinte quatro do mesmo livro deixa-nos explícito que o poço estava vazio.

Tabela 10 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 22

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
22 Também lhes disse Rúben: Não derrameis sangue; lançai-o nesta cova, que está no deserto e não lanceis mãos nele; isto disse para livrá-lo das mãos deles e para torná-lo a seu pai.	22 And Reuben said unto them, Shed no blood, but cast him into this pit that is in the wilderness, and lay no hand upon him; that he might rid him out of their hands, to deliver him to his father again.	22 E acrescentou: "Não derramem sangue. Joguem-no naquele poço no deserto, mas não toquem nele". Rúben propôs isso com a intenção de livrá-lo e levá-lo de volta ao pai.

No versículo vinte e dois encontram-se similaridades proeminentes entre as versões ARC e BKJ, a escolha na tradução das palavras, “lançai-o nesta cova” e “não derrameis sangue”, se faz presente nas duas versões sem alteração de significado. Na versão NVI temos o uso da expressão “livrá-lo” e levá-lo de volta ao pai é usado apenas na nova versão internacional. Além disso, a escolha dos tradutores na versão NVI é um pouco diferente das demais, usando a palavra “poço” enquanto em ARC se usa o termo “cova”. Percebe-se que o uso da expressão “poço” foi um termo estabelecido pela NVI ao decorrer do capítulo. O termo usado na BKJ é polissêmico, podendo sugerir tanto um poço quanto uma cova, embora, talvez, tenha uma conotação de algo mais profundo do qual não se sairia tão fácil, como de fato, parece ser o caso.

Sabendo que a Bíblia protestante é composta por sessenta e seis livros, durante a leitura de outros livros presente na Bíblia, encontra-se a palavra cova (poço) com outros significados distintos. Neste caso, a cova que os irmãos de José o lançaram evidentemente era uma cisterna escavada por homens. As duas palavras hebraicas principais “cova/poço” são “bohr” que significa “cisterna” e shá-hhath (“cova/poço”). Em Gênesis, capítulo 14, versículo 10, temos a palavra sendo interpretada como um lugar fundo ou buraco, quer

natural, quer artificial. Os poços de betume nos quais caíram os reis de Sodoma e de Gomorra, por exemplo, evidentemente eram buracos naturais da região.

A palavra hebraica *she'óhl* (“seol”) apresenta significados variáveis na Bíblia. Em alguns contextos aparece como: morte, sepultura, profundezas, pó, poço, cova, buraco, mundo dos mortos ou inferno. Em Gênesis, capítulo 44, versículo 31, Tradução Brasileira (TB).¹ No entanto, “seol” pode se referir à sepultura comum da humanidade, em vez de a uma sepultura individual. Em Jó, capítulo 17, versículos 13 a 16, podemos encontrar novamente “seol” (*she'óhl*) e “cova” (*shá·hhath*) usados em paralelo por Jó, como lugares de escuridão e pó. De modo similar, a oração de Davi a Deus, no Salmo 30, versículo 3 na versão João Ferreira de Almeida Atualizada, diz: “Senhor, fizeste subir a minha alma do Seol; conservaste-me a vida, dentre os que descem à cova.” Já no Salmo 88, versículos 3 a 5 se faz referência ao Seol, ao poço e à sepultura, nesta ordem.

Jonas também usou a palavra “cova” em sentido figurado, quando comparou o interior do peixe com o “ventre do Seol” e também com a “cova”. (Jonas, capítulo 2, versículos 2 a 6) Esta associação da cova com a morte e a sepultura era bastante natural, em vista do antigo costume de usar ou escavar uma cova como lugar de sepultamento. Covas evidentemente eram usadas como armadilha para pegar ou apanhar desprevenidos os inimigos, ou para capturar animais, e por isso são usadas em sentido figurado para representar perigosas situações ou intrigas que afligem os servos de Deus.

Já as cisternas usadas pelos hebreus e por outros orientais para armazenar água eram basicamente poços escavados. Muitas vezes tinham forma de garrafa; a boca geralmente era estreita, de apenas uns 30 cm de diâmetro no primeiro metro, e, depois, a parte inferior abria-se numa cavidade bulbosa.

Tabela 11 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 25

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
25 Depois assentaram-se para comer pão; então levantaram os seus olhos e viram uma companhia de ismaelitas que vinha de Gileade; e seus camelos traziam especiarias, bálsamo e mirra; para levá-los ao Egito.	25 And they sat down to eat bread: and they lifted up their eyes and looked, and, behold, a company of Ishmeelites came from Gilead with their camels bearing spicery and balm and myrrh, going to carry it down to Egypt.	25 Ao se assentarem para comer, viram ao longe uma caravana de ismaelitas que vinha de Gileade. Seus camelos estavam carregados de especiarias, bálsamo e mirra, que eles levavam para o Egito

¹ Tradução do Novo Mundo da Bíblia Sagrada (Edição de Estudo). Disponível em: <https://wol.jw.org/pt/wol/b/r5/lp-t/nwtsty/1/44#study=discover&v=1:44:31>. Acesso em 25 de abril de 2025.

Nesse caso, a NVI é a que mais difere das outras duas versões. Nesta passagem a NVI oculta a palavra “pão” que é apresentada nas demais traduções, ao falar que os irmãos de José após o lançarem no buraco assentaram-se para se alimentar. Além disso, a NVI traz outra expressão diferente das traduções de ARC e BKJ que é a tradução “caravana” enquanto que nas outras duas versões apresenta a palavra “companhia” para se referir ao grupo de Ismaelitas que passavam naquela região.

Tabela 12 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 26

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
26 Então Judá disse aos seus irmãos: Que proveito haverá em que matemos a nosso irmão e escondamos a sua morte?	26 And Judah said unto his brethren, What profit is it if we slay our brother, and conceal his blood?	26 Judá disse então a seus irmãos: "Que ganharemos se matarmos o nosso irmão e escondermos o seu sangue?

O versículo 26 trata-se de um verso curto no qual, nas três traduções, o início da passagem é semelhante. Porém ao final do versículo, a ARC se torna um pouco distinta das demais, pois ela se torna mais explícita aos leitores, trazendo a frase “que proveito haverá em que matemos a nosso irmão e escondamos a sua morte? Enquanto isso nas outras duas, usa-se a expressão “escondermos o seu sangue”, para leitores leigos da Bíblia cristã essa passagem, no final do versículo pode apresentar um pouco de falta de clareza.

Tabela 13 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 27

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
27 Vinde e vendamo-lo a estes ismaelitas, assim não seja nossa mão sobre ele; porque ele é nosso irmão, nossa carne. E seus irmãos obedeceram.	27 Come, and let us sell him to the Ishmeelites, and let not our hand be upon him; for he is our brother and our flesh. And his brethren were content.	27 Vamos vendê-lo aos ismaelitas. Não tocaremos nele, afinal é nosso irmão, é nosso próprio sangue". E seus irmãos concordaram.

Nesse caso, na passagem vinte e sete às traduções ARC, BKJ e NVI são similares apenas ao final do versículo que uma palavra chama mais atenção. Na versão BKJ usa-se a palavra “content” (“contente” ou “satisfeito”) para se referir à reação do grupo ao que um dos irmãos, chamado Judá, sugeriu aos demais. Na versão de Almeida, é usada a expressão “obedeceram”, ao passo que na NVI mais neutra em seu sentido utilizando o

termo “concordaram”, não demonstrando nem alegria nem hierarquia entre os irmãos, para dizer que eles entraram em um acordo para vender José.

Tabela 14 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 28

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
28 Passando, pois, os mercadores midianitas, tiraram e alçaram a José da cova e venderam José por vinte moedas de prata, aos ismaelitas, os quais levaram José ao Egito.	28 Then there passed by Midianites merchantmen; and they drew and lifted up Joseph out of the pit, and sold Joseph to the Ishmeelites for twenty pieces of silver: and they brought Joseph into Egypt.	28 Quando os mercadores ismaelitas de Midiã se aproximaram, seus irmãos tiraram José do poço e o venderam por vinte peças de prata aos ismaelitas, que o levaram para o Egito.

Nesse versículo, o texto que mais difere é ARC que traz uma palavra diferente das outras duas versões, nesse caso a versão de Almeida faz uso de uma expressão pouco conhecida que é a palavra “alçaram”, termo usado para o momento de quando os irmãos de José foram retirá-lo do poço.

Tabela 15 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 30

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
30 E voltou a seus irmãos e disse: O moço não está lá, para onde irei eu?	30 And he returned unto his brethren, and said, The child is not; and I, whither shall I go?	30 e, voltando a seus irmãos, disse: "O jovem não está lá! Para onde irei agora? "

No versículo trinta, as versões aqui analisadas têm uma tradução de fácil compreensão, no entanto, percebe-se que cada uma dessas traduções resolveu usar uma palavra diferente para se referir ao personagem José. Nesse momento, Rúben o primogênito chega para tirar o irmão do poço, porém, seus irmãos já o tinham vendido e ele não sabia do tratado, desesperado ele diz: na versão do Rei James “The child is not / A criança não está”, na ARC “o moço não está lá” e na NVI “o jovem não está lá”.

Portanto, temos uma variação na retratação/percepção de José pelo irmão entre criança/jovem/moço.

Por meio da história sabemos que quando José foi vendido pelos irmãos, ele tinha 17 anos de idade, sendo assim, o tradutor da BKJ optou por usar a expressão “Child” ao se referir a José, enquanto que nas outras duas versões os tradutores trouxeram uma linguagem mais conhecida atualmente.

Tabela 16 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 33

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
33 E reconhecendo-a, disse: É a túnica de meu filho; uma fera o comeu; certamente José foi despedaçado.	33 And he knew it, and said, It is my son's coat; an evil beast hath devoured him; Joseph is without doubt rent in pieces.	33 Ele a reconheceu e disse: "É a túnica de meu filho! Um animal selvagem o devorou! José foi despedaçado! "

Nessa ocasião podemos analisar que cada uma das versões usou um termo diferente para se referir ao animal na qual supostamente havia despedaçado José. Tal expressão já havia sido analisada anteriormente no versículo vinte quando cogitaram matar o irmão, percebe-se aqui que os tradutores mantiveram a mesma tradução em cada uma das versões na versão ARC foi usada novamente a expressão “uma fera”; na BKJ, “uma fera maligna”; e na NVI, “um animal selvagem”. Apesar do uso de expressões diferentes em cada tradução, não ocorreu grande mudança de significado em nenhuma das versões, exceto por talvez a conotação maligna de “evil” em “evil beast”.

Tabela 17 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 34

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
34 Então Jacó rasgou as suas vestes, pôs saco sobre os seus lombos e lamentou a seu filho muitos dias.	34 And Jacob rent his clothes, and put sackcloth upon his loins, and mourned for his son many days.	34 Então Jacó rasgou suas vestes, vestiu-se de pano de saco e chorou muitos dias por seu filho.

Nesse momento, Jacó lamenta a perda de seu precioso filho José. Em cada uma das versões ARC, BKJ e NVI Jacó rasga suas vestes e veste-se de pano para demonstrar luto pela perda do filho, pois naquela época era comum rasgar as vestes e vestir-se de saco por longos dias como sinal de luto a perda de um ente querido, nesse caso as três versões são similares e parecem não apresentar alterações de significado.

Tabela 18 - Gênesis, Capítulo 37, Versículo 35

(ARC) Almeida Revista e Corrigida	(BKJ) King James versão em Inglês	(NVI) Nova Versão Internacional
35 E levantaram-se todos os seus filhos e todas as suas filhas, para o consolarem; recusou porém ser consolado e disse: Porquanto com choro hei de descer ao meu filho até à sepultura. Assim o chorou seu pai.	35 And all his sons and all his daughters rose up to comfort him; but he refused to be comforted; and he said, For I will go down into the grave unto my son mourning. Thus his father wept for him.	35 Todos os seus filhos e filhas vieram consolá-lo, mas ele recusou ser consolado, dizendo: "Não! Chorando descerei à sepultura para junto de meu filho". E continuou a chorar por ele.

Nessa ocasião, na passagem trinta e cinco, as três traduções não são distintas, pelo contrário apresentam similaridades entre si, contudo chamou-nos atenção um fato que é mencionado nas três versões, no início do versículo. Na versão de Almeida “E levantaram-se todos os seus filhos e todas as suas filhas, para o consolarem” na BKJ; “And all his sons and all his daughters rose up to comfort him”; e na NVI “Todos os seus filhos e filhas vieram consolá-lo, mas ele recusou ser consolado”. No decorrer da história é mencionado apenas uma filha de Jacó chamada Diná, no entanto, ao que se entende neste versículo é que Jacó tinha outras filhas além de Diná.

Não era costume mencionar nomes de mulheres na Bíblia, a menos que elas desempenhassem um papel no propósito de Deus ou uma lição pudesse ser aprendida por suas ações. Há dois lugares na Bíblia que mencionam que Jacó teve filhas além de Diná. Nestes momentos na versão NVI em Gênesis 37, versículo 35, e em Gênesis 46, versículos 6 e 7: diz “Também levaram os seus rebanhos e os bens que tinham adquirido em Canaã. Assim, Jacó foi para o Egito, com toda a sua descendência. Levou consigo para o Egito seus filhos e seus netos, suas filhas e suas netas, isto é, todos os seus descendentes”.

Durante a competição entre Lia e Raquel por filhos, todos os filhos de Jacó são mencionados. Os nascimentos de todos os seus filhos são registrados; no entanto, não há menção ao nascimento de Diná. Porém, mais tarde descobrimos que ele tem uma filha chamada Diná, apesar de seu nascimento não ter sido mencionado anteriormente no registro de filhos. Ela é nomeada porque é significativa para esta história em particular, que por si só é importante mais tarde, quando Jacó está morrendo e abençoando seus filhos. As bênçãos de Simeão e Levi (ou quase "maldições") estão ligadas a este evento. É provável que Diná não fosse a única filha de Jacó. E que foram os filhos, não as filhas, que foram registrados. Diná foi nomeada por causa de seu envolvimento no ataque de Simeão e Levi aos cananeus, mas ela não foi registrada no registro de nascimentos, então é provável que ela tivesse irmãs que também não foram mencionadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que há grande similaridade entre as três versões, tanto em termos de uso lexical quanto de estrutura da linguagem - 14 dos 36 versículos são bastante congruentes entre si. Quanto ao lexical, a escolha por alguns termos e sua consequente variação semântica chamou a atenção em alguns casos como a variação de “poço/cova/pit”, comentada, sobretudo, no versículo 22, e o uso do verbo “pray” em BKJ.

Ao analisar as três traduções, observa-se que, dos 36 versículos, em 10 deles a NVI fez uso de uma tradução mais variante do que as outras duas, como é o caso do versículo 22 onde a NVI optou por uma tradução diferente para se referir a cisterna na qual os irmãos lançaram o personagem. Ao decorrer do capítulo 37 percebe-se que a NVI escolheu usar a palavra “poço” no versículo 22 e no versículo 29, momento no qual aparece tal expressão.

De um ponto de vista mais quantitativo, os resultados mostram uma grande proximidade entre as 3 versões em 14 dos 36 versículos (sendo eles, os versículos 8, 10, 18, 20, 21, 24, 26, 27, 29, 31, 32, 34, 35, 36) porém, ocorre a exceção na passagem 14 que dentre os 36 versículos apenas 1 a versão do rei James foi diferente das outras versões aqui analisadas. A versão BKJ varia desde a estrutura às palavras, no início do versículo é usado nas versões ARC e NVI a pontuação dois pontos para indicar explicação, uma fala direta do pai do personagem José, no entanto, isso não ocorre na versão BKJ sendo a fala usada no sentido de que o pai estava apenas pedindo um favor ao filho e não lhe impondo uma ordem.

Uma outra variação notável é, como já mencionado, o uso do verbo “pray”, na tradução do Rei James, em que a expressão é empregada com o sentido de “peço-te”, ao contrário das demais que faz uso dos termos “vai e vê” (ARC) e “vá ver” (NVI). Nota-se que o uso do verbo “pray” do inglês poderia ter achado correspondência dentro de um campo semântico similar através do verbo “rogar” no português, mas essa escolha não foi feita por nenhuma das duas traduções.

Ante o exposto, é possível concluir que as diferenças entre as versões impactam a interpretação das mensagens bíblicas, além disso, infere-se que uma linguagem mais clara tem influência na visão dos leitores diante das escrituras sagradas. Observou-se também que a NVI propõe, em linhas gerais, uma tradução mais direta, clara e acessível a um público-alvo contemporâneo, tanto em termos da estrutura empregada, quanto dos próprios traços gráficos editoriais, por exemplo, ao empregar consistentemente o uso de aspas para destacar e separar as falas diretas de personagens.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João Ferreira. Revista e Corrigida, publicada pela **Typographia e Lithographia de A. E. Barata, Lisboa - Portugal, no ano de 1899**. Várzea Paulista: Casa Publicadora Paulista, 2021.
- ALMEIDA, Maria de Andrade. **Exegese bíblica**: vantagens, desvantagens limites e contribuições na interpretação moderna da Bíblia. Campinas: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/4823/2690>. Acesso em 25 de abril de 2025.
- ARROJO, R. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. 2. ed. São Paulo: Ática. 1992
- ARROJO, R. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago. 1993
- BÍBLIA Sagrada: nova versão internacional. 1. ed. Santo André : Sociedade Bíblica Internacional, 2017.
- CHESTERMAN, Andrew. **Memes da tradução**: o disseminar de ideias na teoria da tradução. Salvador: EDUFBA. Título original: Memes of translation: the spread of ideas in translation theory. 2022.
- CHESTERMAN, Andrew. Fidelity and the Gendered Translation. TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction, v. 7, n. 2. 1994. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4897187>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- GUIDÈRE, Mathieu. **Introduction à la traductologie**: penser la traduction: hier, aujourd'hui, N demain. 2eme ed. Bruxelles: Groupe de Boeck, 2010.
- KING, James. **Holy Bible**, 2001. Disponível em: <https://www.holybooks.com/wp-content/uploads/2010/05/The-Holy-Bible-King-James-Version.pdf>. Acesso em: 03 maio 2025.
- PYM, Anthony. **Teorias contemporâneas da tradução**: uma abordagem pedagógica. Tradução de Ana Maria Chaves, Eduarda Keating, Fernando Ferreira Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, p. 317. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334527805_Teorias_contemporaneas_da_tradacao_Uma_abordagem_pedagogica. Acesso em 05 maio 2025.